

EDWARD O. WILSON

O sentido da existência humana

Tradução
Érico Assis



Copyright © 2014 by Edward O. Wilson

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original

The Meaning of Human Existence

Capa

Kiko Farkas e Ana Lobo/ Máquina Estúdio

Ilustração de capa

Kiko Farkas

Preparação

Duda Albuquerque

Índice remissivo

Luciano Marchiori

Revisão

Huendel Viana

Ana Maria Barbosa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Wilson, Edward O.

O sentido da existência humana / Edward O. Wilson; tradução
Érico Assis. — 1^a ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2018.

Título original: The Meaning of Human Existence.

ISBN 978-85-359-3153-2

1. Antropologia filosófica 2. Humanidade 1. Título.

18-18312

CDD-128

Índice para catálogo sistemático:

1. Antropologia filosófica 128

Ioanda Rodrigues Biode — Bibliotecária — CRB-8/10014

[2018]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORIA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/companhiadasletras

instagram.com/companhiadasletras

twitter.com/cialetras

Sumário

I.	POR QUE EXISTIMOS	
1.	O sentido do sentido	9
2.	Resolvendo o enigma da espécie humana	13
3.	A evolução e nosso conflito interno	21
II.	A UNIDADE DO CONHECIMENTO	
4.	O novo Iluminismo	29
5.	A preeminência das humanidades	41
6.	A força motriz da evolução social	47
III.	OUTROS MUNDOS	
7.	A humanidade desnorteada no mundo dos feromônios.....	61
8.	Os superorganismos	71
9.	Por que os micróbios dominam a galáxia	79
10.	Um retrato do ET	86
11.	O colapso da biodiversidade	96

IV. ÍDOLOS DA MENTE	
12. Instinto.....	107
13. Religião	116
14. Livre-arbítrio	125
V. UM FUTURO HUMANO	
15. Livres e sozinhos no universo	137
<i>Apêndice</i>	149
<i>Agradecimentos</i>	161
<i>Índice remissivo</i>	163

I

POR QUE EXISTIMOS

A HISTÓRIA NÃO TEM MUITO SENTIDO SEM A PRÉ-HISTÓRIA, E A PRÉ-HISTÓRIA NÃO TEM MUITO SENTIDO SEM A BIOLOGIA. O CONHECIMENTO DA PRÉ-HISTÓRIA E DA BIOLOGIA ANDA A PASSOS LARGOS, TRAZENDO MAIOR FOCO À ORIGEM DA HUMANIDADE E AO PORQUÊ DE UMA ESPÉCIE COMO A NOSSA EXISTIR NESTE PLANETA.

1. O sentido do sentido

A humanidade ocupa um lugar especial no universo? Qual o sentido de nossa vida? Creio que já aprendemos o suficiente sobre o universo e sobre nós mesmos para fazer essas perguntas, à nossa maneira experimental e passível de resposta. Com os próprios olhos podemos enxergar através do espelho escuro, cumprindo a profecia de Paulo: “Hoje, conheço em parte; então conhecerei perfeitamente, da mesma maneira como plenamente sou conhecido”. Nosso lugar e nosso sentido, porém, não vêm sendo revelados como Paulo esperava — de modo algum. Vamos tratar desse assunto. Vamos raciocinar juntos.

Proponho uma jornada com essa finalidade, da qual peço para ser o guia. Nossa percurso começará pela origem da espécie humana e seu lugar no mundo da vida, questões das quais já tratei, em contexto diverso, em *A conquista social da Terra*. A seguir, partindo das ciências naturais, o trajeto se aproximará, mediante certos passos, das humanidades, e depois, regressando às ciências naturais, do problema mais difícil que é “Aonde vamos?”, assim como da pergunta mais difícil entre todas: “Por quê?”.

Creio que é chegado o momento de propor a possibilidade de unificação dos dois grandes ramos do saber. As humanidades teriam interesse em colonizar as ciências? Quem sabe com um pouquinho de ajuda? Que tal substituir a ficção científica — a fantasia de uma única mente — por mundos novos, com muito mais diversidade e baseados na ciência real, construída por muitas mentes? Poetas e artistas visuais poderiam cogitar descobrir, no mundo real, para além dos sonhos corriqueiros, as dimensões inexploradas, a profundidade, o sentido? Teriam interesse em encontrar a verdade no que Nietzsche chamou, em *Humano, demasiado humano*, de cores do arco-íris ao redor das bordas externas do saber e da imaginação? É lá que se encontrará o sentido.

Em seu emprego usual, a palavra “sentido” implica intenção; intenção implica criação, e criação implica um criador. Qualquer entidade, processo ou definição de qualquer palavra é fruto de uma consequência intencional elucubrada pelo criador. Aí está o cerne da visão filosófica de mundo das religiões organizadas e particularmente dos mitos da criação. Que a humanidade existe com um propósito. Os indivíduos têm um propósito na Terra. Humanidade e indivíduos possuem sentido.

A palavra “sentido” pode ser empregada de modo mais abrangente, implicando outra forma de ver o mundo. Os acidentes da história, não as intenções de um criador, geram o sentido. Não existe uma criação prévia, mas redes sobrepostas de causa e efeito físicos. O desenrolar da história obedece apenas às leis gerais do universo. Cada acontecimento é aleatório, mas modifica a probabilidade de futuros acontecimentos. Ao longo da evolução biológica, por exemplo, a origem de uma adaptação pela seleção natural torna provável o surgimento de determinadas outras adaptações. Essa noção de sentido, no que diz respeito a jogar uma luz sobre a humanidade e o restante da vida, é a visão de mundo da ciência.

Seja no cosmos, seja na condição humana, o segundo sentido, mais inclusivo, existe na evolução da realidade atual em meio a infinitas outras realidades possíveis. Quanto mais complexas as entidades e processos biológicos, mais os organismos tendiam a se comportar de modo a fazer uso do sentido intencional: de início havia o sistema sensorial e o sistema nervoso dos primeiros organismos multicelulares, depois o cérebro organizador e, por fim, um comportamento que responde à intenção. Ao tecer sua teia, a aranha, consciente ou não do resultado, pretende capturar moscas. Esse é o sentido da teia. O cérebro humano evoluiu conforme a regra da teia de aranha. Qualquer decisão de um ser humano tem um sentido de acordo com a primeira acepção, a da intenção. Mas a capacidade de decidir, e como e por que essa capacidade passou a existir, assim como as consequências daí advindas, são o sentido mais amplo, de base científica, da existência humana.

A primeira dentre as consequências é a capacidade de imaginar futuros possíveis, e de planejá-los e escolher entre eles. Utilizar essa capacidade singularmente humana com pouca ou muita sabedoria vai depender de quão afiada for a compreensão de si. A questão de maior relevância é como e por que somos como somos e, a partir daí, o sentido de nossas conflitantes visões sobre o futuro.

Os avanços da ciência e da tecnologia nos levarão ao maior dilema moral desde que Deus deteve a mão de Abraão: quanto customizar o genótipo humano. Muito, pouco ou nada? Seremos forçados a tomar essa decisão porque nossa espécie começou a transpor o mais importante, embora menos investigado, dos limiares da era tecnocientífica. Estamos prestes a abandonar a seleção natural, o processo que nos criou, para conduzir a evolução segundo a seleção volitiva — o processo de redesenhar a biologia e a natureza humana da maneira como as desejarmos. A preva-

lência de determinados genes (mais precisamente alelos, as variações na codificação do mesmo gene) sobre outros não mais resultará de forças ambientais, a maioria das quais fora do controle ou mesmo do entendimento humano. Os genes e os traços que eles prescrevem poderão ser o que bem entendermos. Que tal uma vida mais longa, memória ampliada, melhor visão, menos agressividade, maior potencial atlético, odor corporal agradável? A lista de compras não tem fim.

Na biologia, são rotineiras as explicações do tipo como-e-por-quê, e elas se apresentam como causas “próximas” e causas “últimas” dos processos vivos. Um exemplo de causa próxima: temos duas mãos e dez dedos, com os quais fazemos isso e aquilo. A causa última explicaria *por que* temos duas mãos e dez dedos, e *por que* fazemos isso e aquilo com eles, e não outra coisa. A explicação da causa próxima reconhece que a anatomia e as emoções são programadas para levar a cabo determinadas atividades. A explicação da causa última responde à pergunta: “Por que essa programação e não outra?”. Para explicar a condição humana, ou seja, para dar sentido à existência humana, são necessários os dois níveis de explicação.

Nos ensaios a seguir, tratei da segunda acepção de sentido, mais ampla, da nossa espécie. Defendo que a humanidade surgiu absolutamente por conta própria, por meio de uma série cumulativa de acontecimentos ao longo da evolução. Não estamos predestinados a alcançar nenhuma meta, tampouco temos que responder a outro poder que não o nosso. É apenas a sabedoria baseada no autoconhecimento, não na devoção, que há de nos salvar. Não haverá redenção nem segunda chance outorgada pelos céus. Temos apenas este planeta para habitar e este sentido a descontinar. Para dar esse passo em nossa jornada, para compreender a condição humana, precisamos de uma definição muito mais ampla de história do que a que se utiliza convencionalmente.